

TUDO AQUI NO

RESUMÃO

Imagine uma sociedade altamente utilitarista, dominada pelo materialismo, acumulação e, sobretudo, pelo valor monetário de tudo, tudo mesmo, inclusive dos afetos; uma sociedade onde tudo tem que servir a algum objetivo específico (em geral, gerar rendimentos) para ser relevante. É nessa sociedade distópica (não muito, talvez!?) que Afonso Cruz desenrola, em pouco mais de 90 páginas, a história da família que decide comprar um poeta a pedido da filha. Isso mesmo: nessa sociedade as famílias têm artistas ao invés de animais de estimação.

No mundo imaginado por Afonso não há espaço para sutilezas e subjetividades, tudo precisa ser medido com exatidão milimétrica, tudo tem de ser absolutamente prático e objetivo. Cada espaço, cada coisa (peça de roupa, móvel, sapato) tem um patrocinador, até a linguagem é regrada, não se gasta palavras ao vento. Nesse cenário, ninguém entende figuras de linguagem como metáforas, ironias, analogias. Ninguém quer ser acusado de inutilista.

Mas eis que o poeta adquirido chega à casa e... um verso aqui, uma observação ali, a família vê seus valores mudarem drasticamente a partir desse ato. Com humor e leveza, Afonso Cruz entrega, em uma prosa poética encantadora, uma narrativa forte e potente para nos fazer pensar sobre o utilitarismo e o papel da arte em um mundo onde tudo precisa ser mensurado.

Reginaldo Pujol Filho resume bem: “já nas primeiras linhas dessa fábula distópica, entramos numa realidade na qual tudo é medido pelo custo, pelo lucro gerado, em relações supostamente objetivas de valor. ‘Dizem que é bom transacionarmos afetos, (...) gera uma espécie de lucro’, comenta a narradora e protagonista ao receber um beijo do pai. Viver nesse mundo em que tudo precisa ter utilidade, seja lá o que for isso, afeta em cheio a linguagem das pessoas e do livro. Surge uma naturalização de um falar estatístico-financeiro. Cada grama de comida, mililitro de saliva em um beijo, tempo despendido é contado e narrado. Descobrimos novos elogios e expressões mais de acordo com o espírito do tempo, como considerar alguém “lucrativo” ou desejar “prosperidade e crescimento” ao se despedir.”

Por que é perigoso andar sozinha no bairro da liberdade?

É proibido ficar triste pra quem mora no bairro feliz?

“O pai apontou para o poeta que fungava e não tinha patrocínio nas roupas e perguntou se aquele exemplar era subversivo, que é a característica mais temida nos poetas, é o equivalente à agressividade dos cães.

O senhor da loja respondeu:

Está abaixo dos dois por cento. É sempre necessário serem um pouco subversivos ou a qualidade poética baixa demasiado e não gera lucro, ninguém compra, acabam preteridos a bailarinos ou hamsters.”

Além da provocação, ou da evocação, melhor dizendo, sobre a importância e do papel da poesia e da arte em nosso dia a dia, o autor nos provoca também com uma reflexão importantíssima acerca da ideia de utilidade, de um mundo movido pela noção de resultado como benefício material e imediato. E é impossível não associarmos ao nosso *modus operandi* dos tempos atuais: nunca temos tempo, estamos sempre em débito, sempre correndo atrás, sempre procurando performar, bater meta, “ser útil”, “dar lucro” na linguagem do livro. Nessa labuta eterna nos mecanizamos ao extremo, só repetimos: sobra objetividade, falta criatividade; sobra fazer, falta sentir; sobra tarefa, falta sentido.

“Estão em todo lado, os poemas, e a maior parte das vezes até preferem esconder-se nos objetos mais singelos. Debaixo da cama, escondem-se versos, disse ele. Não são monstros? Alguns versos são.”

Fazendo ressoar as utilidades de Manoel de Barros, o autor escancara o quão desconfortável é para os personagens lidar com aquilo que não tem porquê nem tem um fim, tornando muito potente a mensagem do livro como crítica ferrenha a essa supervalorização da eficiência da máquina, do utilitarismo, do consumismo e do culto desmesurado aos números. “Metáfora de um poema, a obra nos lembra que palavras dizem muito mais do que parece. E que valor significa mais do que alguns cifrões”, arremata Pujol.

“Aos poucos fui começando a perceber o que o poeta dizia e já não era mais uma algarviada, ouvia efetivamente palavras.

Mas ainda passava muito tempo a perceber aquelas mentiras.

Metáforas.

Metáforas?

Sim, confirmou o poeta.

Peço desculpa, mas um sapato não é uma luva apaixonada pelas mãos erradas. No mundo onde vivemos, chama-se mentira e é muito feio, desconta-nos muitos pontos de moralidade. E o poeta argumentava com mais mentiras. Por exemplo, atente-se a este caso, com que foram declaradas dezenove palavras, e cujo resultado é este:

As migalhas que voam mais alto são as que preferem os bicos dos pássaros aos caprichos do vento.

Incompreensível em quase oitenta e nove por cento.”

**Coisas são só coisas
Servem só pra tropeçar
Tem seu brilho no começo
Mas se viro pelo avesso
São fardo pra carregar**

Chico César



É assim, provocando, encantando e fazendo pensar, Afonso Cruz nos ensina – ou nos recobra – a importância das comparações, a aprender a olhar para além do óbvio, do lugar comum, esse ente definidor e limitante de possibilidades. Esse olhar metafórico, questionador, inquisidor das obviedades, típico do poeta, é o pai da criatividade, da invenção, da inovação. Mudar a forma de ver o mundo muda o mundo.

É como afirma Bernardo Carvalho, ao analisar a poesia de Ana Martins Marques: “em vez de corresponder à ilusão de uma natureza domesticada, representação infantil e confortável, pátria que nos acolheria, confirmando-nos, servindo-nos de espelho, as coisas são atiradas de volta ao maremoto pelas contradições que tornam suas definições complexas e difíceis, quando não impossíveis, e assim nos permitem a redescoberta do mundo. O resto é hipocrisia.

A atual impossibilidade da crítica (substituída pelo compartilhamento do gosto) é resultado do horror às contradições. O que não te confirma, não te interessa, você cancela, apaga, risca. A morte, a dor. A palavra que não te convém você não entende.

“O dromedário
leva às
costas o
horizonte e
uma
pequena
montanha”

Então, é esta a política da poesia: trazer a contradição (o real) de volta para dentro do compartilhamento. Revelar o mundo não mais como espelho, mas como avesso, outro, sempre.

Para que alguma forma de entendimento entre estranhos ainda seja possível, e uma saída, apesar de tudo.”

**As melhores coisas da vida são inúteis
As melhores coisas da vida nem são coisas
Não servem pra nada
Servem só pra te fazer feliz**

Para Afonso Cruz, “muitas vezes se justifica a ficção como uma pretensa fuga da realidade (como disse Eliot, a humanidade não aguenta muita realidade), como se esta não nos chegasse ou nos magoasse, e por isso necessitássemos da imaginação, um pouco como precisamos de drogas e de entretenimento. Podemos ser mais pragmáticos e descobrir na fantasia uma utilidade bem maior que esse escape dos horrores e injustiças. A ficção não é um escape da fealdade (ou apenas isso), do horror e da injustiça sociais, é, isso sim, o planejamento para a construção de uma alternativa, a arquitetura de uma outra hipótese de sociedade que seja mais consentânea com as nossas expectativas humanas e morais”.

Ou seja, imaginar é criar mundos possíveis antes de tirá-los do papel: nosso futuro será sempre uma ficção, algo que ainda não existe, a transformação da potência em ato. Vale para a vida de cada um, com seus sonhos, desejos e projetos pessoais, vale para organizações, vale para a administração pública, que, por essência, existe para construir futuros melhores para todos.

Afonso nos aponta ainda que a “fonte do pensamento científico não é a razão em si, mas a verificação exata de uma associação originalmente fornecida pela imaginação”. Em outras palavras, fazer ciência é comprovar por métodos replicáveis aquilo que, antes, se imaginou.

Mas para tanto, é preciso que entendamos poesia em seu sentido mais profundo, conforme aponta Samuel Johnson; poeta é, em ordem decrescente de importância, “alguém que inventa”; “autor de ficção”; e só por último, “escritor de poemas”.

E se você não entendeu, ou não se convenceu ainda de seu papel, escancaramos a mensagem com um trecho da letra de uma das canções do musical adaptado do livro:

**"será que a cultura te ameaça
se a fonte da ciência é a invenção
uma ideia que se cria até acende a economia
cria um mundo são
é futuro
é ficção
a criação é arte
criar é artesanão
um pouco mais de amor ao que se vê
ao que pensa em escrever
mais simples que isso:
o artista é você"**

**Obedecer
é mais
fácil do
que
entender.**

Guimarães Rosa

**PRA QUÊ CARA FEIA?
NA VIDA
NINGUÉM PAGA MEIA.**

Paulo Leminski

**A verdadeira
inovação é
sempre fruto do
descaminho.
Não é a ideia de
caminhar em
linha reta.**

Zeca de Mello

**No presente a
mente, o corpo é
diferente
E o passado é uma
roupa que não nos
serve mais**

Belchior

**Novos caminhos
sigo, uma nova fala
me empolga: como
todos os criadores,
cansei-me das
velhas línguas.
Não quer mais o
meu espírito
caminhar com solas
gastas!**

Nietzsche

**Há sujeitos que nascem,
envelhecem e morrem sem
ter jamais ousado um
raciocínio próprio.**

Nelson Rodrigues

**Não há como
escapar à ordem
imaginada.
Quando
derrubamos os
muros da prisão e
corremos para a
liberdade,
estamos, na
verdade, correndo
para o pátio mais
espaçoso de uma
prisão maior.**

Yuval Harari, Sapiens.



**PRA
GRAVAR NA
CAIXOLA**

**Não fosse isso e era menos
Não fosse tanto e era quase**

Paulo Leminski

**Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Cale o cansaço, refaça o laço
Ofereça um abraço quente
A música é só uma semente
Um sorriso ainda é a única língua
que todos entende**

Emicida

E para fechar, nada de spoilers do final da história, claro; mas um belo um capítulo do livro para dar aquele gostinho, caso ainda não esteja morrendo de vontade de ler:

Na Escola

Na Escola, quando disse às amigas que tinha recentemente adquirido um poeta, houve alguma inveja desta minha propriedade tão exótica. A NM792 comentou:

Os poetas nem sequer têm noção da mais elementar pirâmide das necessidades.

Como assim?, perguntei.

Acham que comer vegetais, cereais e laticínios, por exemplo, é mais importante do que simplesmente consumir produtos amorfos e fazer circular a economia.

Isso não é verdade, disse eu.

Discutimos com intensidade e quase cancelamos quaisquer transferências de afetos que pudéssemos ter uma pela outra. A NM792 chegou a acusar-me de inutilista, que é o que meu irmão acha de mim, de forma injusta, já que não sou nada disso. Gostava de ter um poeta, e daí!? Há muitos estudos que afirmam que ter um artista, um bailarino, um ator, ou mesmo um poeta, ajuda a combater o stress, a baixar o colesterol mau, o que nos torna cidadãos e profissionais mais produtivos, concentrados e eficazes. Ora bem, nada mais útil que isso.

Amanhã, pensei, esfrego-lh estes estudos na cara.

Evidentemente que, quando cheguei a casa, fui tirar o caso a limpo, havia que inquirir o poeta sobre a questão da pirâmide das necessidades. O poeta deambulava (acho que é assim que os poetas andam) pela casa, o olhar perdido naquela linha de interseção entre o teto e a parede.

Interpelei-o.

Por acaso, o poeta acha que vegetais e frutas são o mais importante da pirâmide das necessidades?

Evidentemente que não.

É o quê, então?

É a liberdade.

Francamente...



arte
existe
porque a
vida não
basta.

Ferreira Gullar

PARA
SABER+

Outras
abordagens
e referências



Filme | O Palhaço

Netflix | Como o cérebro cria

YouTube | [Antônio Abujamra - A gente se acostuma](#)

YouTube | [Elisa Lucinda – Diálogos ausentes: poesia é cidadania](#)

pequiRESENHA é uma iniciativa de microlearning do PequiLab voltada para a disseminação de conteúdos relacionados à inovação em governo, para fomentar uma nova forma de pensar e agir nos servidores públicos.

Edição #5 - Julho 2021

ENTRE EM

contato

pequi.lab@goias.gov.br